

## Guiomar Torrezão: uma repórter portuguesa na imprensa do Grão-Pará / *Guiomar Torrezão: A Portuguese repórter in the Grão-Pará press*

Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares \*

Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará – UFPA.

 <https://orcid.org/0000-0001-8718-0494>

Recebido em 17 out. 2019. **Aprovado** em: 31 Out. 2019.

### Como citar este artigo:

TAVARES, Maria Lucilena Gonzaga Costa. Guiomar Torrezão: uma repórter portuguesa na imprensa do Grão-Pará. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, Edição Especial, p. Port. 80-92 / Eng. 81-95, nov. 2019. ISSN 2317-2347.

### RESUMO

Os portugueses que migravam para província do Grão-Pará, no século XIX, diversificavam seus investimentos por meio da imprensa, chegando a fundar jornais com características próprias, dos quais se tornavam editores e redatores, oportunizando ao público maior acesso às informações locais e internacionais. Foi assim que a escritora lisbonense Guiomar Torrezão (26/11/1844 – 22/10/1898) se tornou, em fins da década de 1870, correspondente do jornal *O Liberal do Pará*. Guiomar, na condição de repórter de moda, escrevia periodicamente para as leitoras paraenses, ávidas das novidades estrangeiras tais como: moda, vestimenta, leitura, comportamento, entre outros assuntos. Mas o importante na escrita dessa *repórter* era a maneira como abordava tais assuntos, introduzindo, em suas correspondências, relevantes questões de feminismo destinadas a essas leitoras. Nessa perspectiva, selecionamos algumas publicações da referida escritora que, por longo tempo, estiveram esquecidas nas páginas dos periódicos oitocentistas – enquanto fonte documental de sua atuação – a fim de ratificar as contribuições da mulher na imprensa do Grão Pará oitocentista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guiomar Torrezão; Repórter Portuguesa; Imprensa Paraense.

### ABSTRACT

The Portuguese who migrated to the province of Grão-Pará in the nineteenth century diversified their investments through the press, even founding newspapers with their own characteristics, of which they became editors and journalists; giving the public greater access to local and international information. This is how the Lisbon-based writer Guiomar Torrezão (26/11/1844 - 22/10/1898) became a correspondent for the newspaper *O Liberal do Pará* in the late 1870s. Guiomar, as a fashion reporter, wrote periodically for the readers from Pará, eager for foreign news such as: fashion, clothing, reading, behavior, among other subjects. But what was important in the writing of this reporter was the way she approached such subjects, introducing in her correspondences relevant feminist issues for these readers. In this perspective, we have selected some of the author's publications, which for a long time were forgotten in the pages of nineteenth-century periodicals - as a documentary source of her work - in order to ratify her contributions to the nineteenth-century Grão-Pará press.

**KEYWORDS:** *Guiomar Torrezão; Portuguese Reporter; Paraense Press*

---

\*

 [lucilenacosta@gmail.com](mailto:lucilenacosta@gmail.com)



<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v8i0.1607>

## 1 Considerações iniciais

O ano de 1822 representa uma data importante para a província do Grão-Pará, não por ter sido a Independência do Brasil, afinal, nessa província isso só ocorreu quase um ano depois, em 15 de agosto de 1823, mas, porque testemunhou a inauguração da imprensa na região, em 22 de maio, por intermédio do paraense Felipe Patroni (COELHO, 2012, p. 13).

A atuação da imprensa no Grão-Pará ocorreu em vários setores, principalmente, no educacional, visto que contribuiu para a democratização da leitura e da escrita na região. Os imigrantes portugueses residentes na província, percebendo a importância da imprensa como um negócio lucrativo, fundavam jornais com características próprias, uma vez que além de atuarem como editores e redatores, publicavam notícias estrangeiras, mormente de seu país de origem, e das demais regiões do Brasil, e divulgavam bens de consumo nacionais e importados. (COSTA; SALES, 2009, p. 211)

Tal fato, oportunizou ao leitor paraense maior acesso à informação, especialmente aquelas escritas para um público específico: o feminino, que, com a produção da borracha e a chegada da *Belle Époque* amazônica, tornara-se mais exigente e consumidor da moda e de produtos importados da Europa (SARGES, 2010, p. 21), inclusive, os afamados romances-folhetins, muito apreciados no território paraense.

Nesse sentido, a província do Grão-Pará contou com uma correspondente feminina exclusiva para esse público seletivo. É o caso de Guiomar Delfina de Noronha Torrezão (26/11/1844 – 22/10/1898), escritora lisboeta que, em fins da década de 1870 para início de 1880, publicou como correspondente portuguesa no jornal *O Liberal do Pará*<sup>1</sup>.

Esse periódico anunciou, em 1879, uma novidade nas letras femininas: as publicações, na seção folhetim, das “Cartas Lisbonenses”, enviadas por Guiomar Torrezão que, a partir daquele período, assumiria a correspondência portuguesa do referido jornal: “Chamamos a atenção dos nossos leitores para o nosso folhetim, primeiro da série que vai escrever a distinta literata portuguesa D. Guiomar Torrezão” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 1, 169, 27/07/1879, p. 1).

---

<sup>1</sup> *O Liberal do Pará*, de propriedade do português Manuel Antônio Monteiro, teve sua fundação em 10 de janeiro de 1869 e saiu de circulação após a proclamação da República. Era conceituado como “Jornal Político, Commercial e Noticioso” e impresso na antiga Typographia do *Jornal do Amazonas*.

Guiomar Torrezão foi a correspondente portuguesa mais atuante entre os jornais paraenses do século XIX e uma das primeiras autoras a se manter financeiramente dos seus escritos. Sua estreia no mundo das letras ocorreu em 1868, com o romance-folhetim *Uma Alma de Mulher*, publicado no jornal *A Voz Feminina* e em forma de livro no ano seguinte. Das várias publicações dessa escritora, convém citar a obra *No teatro e na Sala* (TORREZÃO, 1881), prefaciada por Camilo Castelo Branco, e que reúne um conjunto de escritos, entre eles, contos, teatro, crítica literária, e outros. Sua contribuição para as letras luso-brasileiras conta com diversos gêneros como: ficção, dramaturgia, poesia, ensaio e jornalismo entre outros, mas foi a colaboração com o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, que a tornou mais popular. (ROMARIZ, 2011)

Na província do Pará, Torrezão destacou-se, principalmente, pelas publicações na imprensa. Sua participação como correspondente d'*O Liberal do Pará* revela, ao mesmo tempo, uma estratégia do jornal para atrair as leitoras exigentes de novidades, as que queriam estar à par das notícias da Europa, e, também, uma oportunidade dada à escritora portuguesa interagir com as mulheres paraenses e, também, com suas conterrâneas residentes nessa região.

## 2 Uma “repórter” portuguesa, com certeza!

Guiomar Torrezão, na condição de repórter de moda, escrevia periodicamente para as leitoras paraenses, ávidas das novidades estrangeiras tais como vestimenta, comportamento, alimentação, entre outros assuntos. Mas o importante na escrita dessa repórter era a maneira como abordava tais assuntos, introduzindo em suas correspondências relevantes questões de feminismo destinadas a esse público.

A própria escritora justificava em sua primeira carta, datada de 27 de julho de 1879, que seu objetivo era “entreter, três em quatro vezes por mês, uma despreziosa e feminina correspondência com as leitoras do *Liberal do Pará*” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 1, n.º 169, 27/07/1879, p. 1). Quanto a sua identidade literária, ela considerava: “Creio, ou, antes crê a minha vaidade, que não lhes será totalmente estranho o nome, aliás obscuro, que as subscreve” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 1, n.º 169, 27/07/1879, p. 1), o que nos permite inferir que Guiomar esperava já ser conhecida nessa província.

Ainda que Torrezão estivesse se reportando do continente europeu para o sul americano, a remetente apelava pela cumplicidade das leitoras, “por modo que através do

Atlântico se enlacen os nossos pensamentos, e que se estabeleça entre a humilde folhetinista lisbonense e as leitoras paraenses a corrente elétrica que se chama simpatia” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 1, n.º 169, 27/07/1879, p. 1); ela tinha consciência de que era primordial que houvesse simpatia para que seu intento transatlântico prosperasse.

Contudo, a escritora argumentava, para além da simpatia, a necessidade de ser reconhecida pelos seus “processos literários e psicológicos” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 1, n.º 169, 27/07/1879, p. 1), ou seja, havia um propósito nas *Cartas Lisbonenses* de Guiomar Torrezão, que visava contemplar um projeto literário a favorecer a psicologia feminina e seus desdobramentos emancipatórios em plena década de 1870, conforme ela argumenta: “Estas nossas palestras familiares solicitam, antes de mais nada, o privilégio de marcarem um progresso em relação ao jornal de modas” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 1, n.º 169, 27/07/1879, p. 1), ou seja, ela não visava ser apenas mais uma mulher a escrever sobre moda, mas contemplar o público feminino com algumas inovações. Nesse sentido, a escolha pelo gênero carta, seria a mais acertada para o intento, haja vista que:

*A correspondência*, entretanto, é um gênero muito feminino. Desde Mme. De Sévigné, ilustre ancestral, a carta é um prazer, uma licença, e até um dever das mulheres. As mães, principalmente, são as epistológrafas do lar. Elas escrevem para os parentes mais velhos, para o marido ausente, para o filho adolescente no colégio interno, a filha casada, as amigas de convento. Suas epístolas circulam eventualmente pela parentela. A carta constitui uma forma de sociabilidade e de expressão feminina, autorizada, e mesmo recomendada, ou tolerada.  
(PERROT, 2017, p. 28-29)

Não obstante, a escolha pelo gênero carta não foi por acaso, afinal, Guiomar Torrezão, apreciadora das escritoras e obras francesas, tomou como modelo a jornalista Delphine de Girardin, esposa de Émile de Girardin, proprietário do célebre jornal *La Presse*, onde publicou crônicas que ficaram conhecidas como “*Cartas Parisienses*”.

Na primeira carta assinada por Torrezão, ela apresentou uma de suas inspirações: “Tomaremos de mais alto a ciência de vestir, mediante a qual a mulher educa, disciplina e corrige o seu psico, dentro da esfera que lhe assinalou madame de Girardin” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 1, n.º 169, 27/07/1879, p. 1). Vale ressaltar que, embora a correspondente d’*O Liberal* tivesse se mirado na obra de Madame de Girardin e suas análogas *Cartas*, a escritora mais admirada por Guiomar era “uma das figuras femininas mais raramente dotadas da nossa época, a princesa Rattazzi, a escritora francesa de mais fecundo e opulento engenho depois de George Sand” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 1, n.º 169, 27/07/1879, p. 1).

Obviamente que, na esteira das missivas e das escritoras francesas, Guiomar pautou-se na sua realidade e na de suas leitoras, conforme advertia: “Serão, pois, estas Cartas lisboenses um variadíssimo mosaico, para a composição das quais entrarão os mais extravagantes arabescos e os mais opostos matizes, esquivando-se elas ao domínio de todo e qualquer convencionalismo” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 1, n.º 169, 27/07/1879, p. 1). A autora esclarecia sua aversão ao convencionalismo e reiterava que sua escrita se reportaria à Moda, mas este não seria o único assunto das epístolas. Após algumas “divagações”, ela, convocava: “Penetremos agora no assunto capital, a Moda, imediata aplicação da teoria de Voltaire, que prescreve a arte de agradecer como o primeiro de todos os deveres” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 1, n.º 169, 27/07/1879, p. 1).

Semelhante ao que Madame de Girardin realizava em suas “Cartas Parisienses”, Guiomar, nas *Cartas Lisboenses*, reportava-se, inicialmente, a fatos ou situações aparentemente banais e, posteriormente, inseria os assuntos que ela considerava pertinentes de serem informados às paraenses, depois justificava: “E aqui está como eu deixo de falar a vossa excelência em muitas cousas que mais imediato interesse conseguiriam despertar-lhe, e como me desviei sem querer da principal de todas, a Moda (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 2, n.º 175, 03/08/1879, p. 1)”. Certamente, esse era um dos propósitos “dissimulados” pela folhetinista, que encerrava as missivas falando de amenidades: “Vou terminar o meu folhetim indicando à leitora a receita infalível, graças a qual vossa excelência poderá bordar ou distinguir as cores à noite, sem receio de confundir o azul com o verde e o preto com a cor de castanha” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 2, n.º 175, 03/08/1879, p. 1).

Por trás de uma coluna de moda, aparentemente trivial, a folhetinista incutia valores e dava conselhos às leitoras, procurando moldar o comportamento destas, bem como ocupar um espaço no jornal que era quase restrito aos homens. Nesse sentido, ela argumentava que:

De cada hora, aparentemente desaproveitada, derivam por ventura os mais profundos profícuos resultados, as mais assombrosas conquistas do pensamento, as mais generosas iniciativas, mediante as quais o homem, eximindo-se à responsabilidade da teoria de Darwin, que o coloca na linha descendente do gorila, e trabalhando as obras comuns do aperfeiçoamento e da renovação social, humanitária e civilizadora, alcança contornar o frágil e efêmero vulto, despoetizando pela ciência positiva, uma tela imorredoura da posteridade, onde os nossos olhos o veem brilhar através da longa sucessão dos séculos, com o brilho sereno e imperturbável de um astro ou de um Deus!

(*O Liberal do Pará*, Carta n.º 2, n.º 175, 03/08/1879, p. 1).

A correspondente reportava-se às diferenças que havia no trato entre homens e mulheres, a estas, restava apenas contemplar a “longa sucessão dos séculos, com o brilho sereno e imperturbável de um astro ou de um Deus”, que era o homem. Eles recebiam toda a consideração e respeito pela conquista da ciência, aliás, o Oitocentos foi um

período em que o termo “cientista” era associado ao universo masculino. Muitas mulheres tiveram participações consideradas “periféricas”, auxiliando pais ou maridos nos estudos e produção de tratados, sem, no entanto, serem reconhecidas como cientistas. Havia mesmo a compreensão de que as mulheres não possuíam competência para a realização de investigações científicas profundas.

(JINZENJI, 2010, p. 153)

Progressivamente às publicações, Torrezão sondava suas leitoras e avançava rumo ao processo literário e psicológico que vislumbrava, ou seja, ela visava instruir suas leitoras por meio de seus escritos, fosse em forma de missivas, de romances ou outros gêneros. Vejamos o que ela apresentava na terceira carta enviada ao Pará:

As minhas amáveis leitoras brasileiras hão de permitir me que, afastando me hoje da forma epistolar, essencialmente íntima e despretensiosa, que entendi dever dar aos meus humildes folhetins, e propondo-me continuar a alimentar a *chama elétrica* da simpatia que nos prende, e que nenhuma de nós, espero em Deus, deixará apagar se; as minhas leitoras hão de permitir que eu lhes conte um pequenino romance, um romance realista, como se diz hoje.

(*O Liberal do Pará*, Carta n.º 3, n.º 192, 24/08/1879, p. 1).

A portuguesa oferecia às paraenses um romance-folhetim, mudando, assim, a perspectiva inicial de suas correspondências, que era falar de moda. O “pequenino romance”, a que ela se referia, era a narrativa “Faltara-lhe o Berço”, publicado primeiramente no Pará e, depois, lançado no livro *No Teatro e na Sala*, um ano mais tarde, em 1880.

Nesse sentido, a escritora sondava a recepção do público para além das cartas, haja vista que dedicava parte de seu tempo para elaborar suas correspondências que, geralmente, vinham recheadas de citações de autores consagrados, além de trazerem inúmeras referências a obras e autores de sua predileção, o que possivelmente influenciaria a escolha de leitura das leitoras do Pará.

A folhetinista recorria às revistas e jornais de moda, especialmente parisiense, contudo, dava seu parecer a respeito de alguns modismos aderidos na capital francesa. Muitas vezes, Torrezão aconselhava suas leitoras a não sucumbir a certas modas que lhes eram impostas:

O que se não admite, porém, é que a mulher dos nossos dias, educada ao influxo dos grandes e radiosos ideais modernos, bafejada pelas auras da revolução, que progressivamente vai adquirindo, à medida que a evolução

dos espíritos ascende e a envolve no seu turbilhado de luz, a consciência da sua superioridade moral e a importância da sua missão, o que se não pode admitir é que esta mulher, forte pela inteligência que a civilização lhe desenvolveu, fraca nas doces branduras, porque não ignoram que constituem elas o mais irresistível e dominador de todos os seus encantos, a quem assiste o dever de ser natural e de ser modesta, que pode aceitar os inofensivos artifícios da moda, como um meio de agradar, o que a nenhuma mulher é defeso, mas que nada pode permitir, em nome do seu bom senso e da sua dignidade senhoril, que ela exorbite de funções, que tem de restringir-se, e a arrase a cômicas exhibições hilariantes, que despertam a gargalhada; o que não podemos aceitar é que a mulher, que irrefutavelmente caminha para uma perfectibilidade relativa, e que dia a dia se emancipa dos muitos prejuízos que amesquinhavam e de muitos vícios de educação ou de convencionalismo que obscureciam seu espírito, recue, por obra e graça do figurino, e se preste a ser o instrumento passivo dos caprichos absurdos das modistas parisienses, inspirados às vezes, segundo parece, pela intenção maligna de as desprestigiar.

(*O Liberal do Pará*, Carta n.º 4, n.º 204, 07/09/1879, p. 1)

Torrezão era bem enfática em seus conselhos, quando dizia não admitir que a mulher, que caminhava à emancipação, recuasse em favor de algum figurino que a aprisionava aos caprichos malignos das modistas parisienses, ou seja, além de um posicionamento contrário ao que estava em voga na moda francesa, ela demonstrava-se cautelosa acerca das conquistas alcançadas pela mulher e declarava: “Confiado, pois, no juízo prudencial e no fino bom gosto das leitoras, e contando com a sua adesão, desenrolo o estandarte bélico e coloco-me desde já em pé de guerra contra o inimigo, isto é, contra o merinaque!”<sup>2</sup> (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 4, n.º 204, 07/09/1879, p. 1).

Constatamos que o objetivo de Guiomar Torrezão não era somente “entreter” as leitoras paraenses, como justificou em uma de suas cartas, mas empreender um processo “psicoliterário” - em que incutiria valores femininos por meio de seus escritos -, como assinalara antes. De maneira sutil, ela iniciava as missivas falando de moda ou amenidades, depois abordava assuntos referentes às questões da mulher, depois concluía: “Vou terminar a minha carta da maneira mais útil, ministrando a vossas excelências umas ligeiras noções de economia doméstica, extraídas das científicas e graves colunas de um jornal inglês” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 4, n.º 204, 07/09/1879, p.1).

Esse mesmo processo atribuía à divagação, como um pretexto para desviar o principal assunto das Cartas Lisbonenses, a moda: “Que a leitora perdoe se deixando-me ir presa da fascinadora, que Pascal chamou a *folle du logis*, tantas vezes me desvio do principal assunto

---

<sup>2</sup> Armação feita de crina de cavalo, linho ou algodão, constituída por vários aros e varas flexíveis presos formando uma espécie de gaiola, usada por baixo de saias e vestidos para lhes dar volume.

destas cartas” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 5, n.º 233, 12/10/1879, p. 1). Essa maneira de ludibriar o “principal”, muitas vezes, inculca valores essenciais à psicologia feminina, o que, certamente, a autora fazia de maneira consciente, mormente ao reportar-se ao próprio gênero:

Nós as mulheres, segundo afirmam os srs. romancistas psicológicos, somos as legendárias esfinges cujo eterno segredo ninguém ainda conseguiu decifrar, somos o livro fechado cujas páginas misteriosas só poderão ser entendidas pelo ente predestinado que souber corresponder a todas as nossas secretas aspirações incompreendidas, fazendo-se amar e subjugando-nos ao seu mando imperativo de senhor e árbitro.  
(*O Liberal do Pará*, Carta n.º 6, n.º 3, 04/01/1880, p. 1).

A escrita de Guiomar Torreção destinava-se a auxiliar a leitora no que dizia respeito à própria compreensão da mulher, fosse por meio da leitura de um romance, fosse pela leitura de um jornal de moda, o que importava era fazer com que ela percebesse sua natureza: “Existe como eles dizem, no recôndito de nosso ser um pequenino demônio, caprichoso e fantástico, que anula muitas vezes a doce e salutar influência do nosso anjo bom” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 6, n.º 03, 04/01/1880, p. 1). Não obstante, para que esse processo de compreensão acontecesse, sem a interferência ou fiscalização de um marido vigilante, era preciso dizer de maneira sutil: “É por isso que me peranado que ninguém melhor do que uma mulher pode ser entendida por outra mulher” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 6, n.º 03, 04/01/1880, p. 1).

Assim sendo, era mister simpatia e cumplicidade, como a “repórter de moda” havia solicitado: “Se as minhas benévolas leitoras brasileiras partilharem a convicção da sua humilde repórter, não poderão obter mais deliciosa e grata recompensa senão estas ‘cartas lisboenses’ que lhes são exclusivamente consagradas” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 6, n.º 03, 04/01/1880, p. 1). Além disso, Guiomar aproveitava a relação que se estreitava, por meio de suas cartas, para discorrer sobre o comportamento reprovável de algumas moças portuguesas que eram assediadas por uns rapazes e, entretanto, as “meninas riam, o riso desafinado e agudo dos cérebros ociosos, falavam, gesticulavam, marchavam ao som da música, como um tambor mor, tinham frases repinçadas, de um convencionalismo banal, que davam vontade de chorar!” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 7, n.º 14, 18/01/1880, p.1).

A esse respeito, a autora manifestava-se de forma condenável, pois dizia que aquelas mulheres aceitavam passivamente as investidas dos homens que “fitavam-nas petulantemente, na promiscuidade animal de um nivelamento desrespeitoso, com malícias felinas e desrezos tácitos” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 7, n.º 14, 18/01/1880, p.1), sem ao menos protestar contra eles.



Guiomar esperava uma postura mais atuante da mulher do século XIX, que alcançava conquistas importantes, atuando como escritoras ou estudantes, primando pela intelectualidade feminina. Em relação a essa perspectiva, ela noticiou em uma de suas cartas: “Acabamos de ler no Comércio de Lisboa que a senhora D. Maria Augusta Generoso Estrela, natural do Brasil, filha do sr. A. A. Generoso Estrela, vai doutorar-se em medicina nos Estados Unidos” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 9, n.º 31, 08/02/1880, p.1).

Essa informação foi dada com entusiasmo, haja vista que a jornalista primava pela emancipação das mulheres, assim sendo, ela não perdia oportunidade de incentivá-las: “Abriu-os intencionalmente a nossa carta lisbonense com esta notícia, no intuito de significarmos às leitoras o júbilo de que nos sentimos possuídas ao ver o Brasil dar um passo de tão profundo desenvolvimento intelectual e de tão larga ação humanitária” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 9, n.º 31, 08/02/1880, p.1). Evidentemente, ela não se referia tão somente ao passo dado pelo Brasil rumo ao progresso intelectual, mas, em especial, pelo fato de ter sido alcançado por uma mulher, o que atendia um desejo íntimo da jornalista:

E agora que satisfiz uma necessidade imperiosa, da minha alma, saudando essa juvenil senhora, intrépida e inteligente, consinta-me a leitora que obedeça ao impulso irresistível de meu espírito, convidando-a a ler o formosíssimo poemeto de Guerra Junqueiro, O melro, editado pelo sr. David Corazzi.

(*O Liberal do Pará*, Carta n.º 9, n.º 31, 08/02/1880, p. 1).

Para ela era imperativo usufruir do espaço folhetim para inculcar valores que pudessem, cada vez mais, elevar a condição feminina. Destarte, aconselhava-as: “Despeço-me das leitoras fazendo votos para que os meus modestos conselhos de repórter dedicada aproveitem a vossas excelências e concorram para enlouquecer de puro encanto contemplativo a legião dourada dos seus numerosos admiradores” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 9, n.º 31, 08/02/1880, p.1), ou seja, para Torrezão, mais do que ser admirada pela formosura do corpo ou da moda, era necessário alcançar admiração também pela maneira de se comportar intelectualmente, para isso escrevia.

A respeito da atuação feminina nas letras, a repórter noticiara, em outra carta, que “Dois acontecimentos completamente interessantes tem absorvido a atenção da última quinzena lisbonense, a aparição do livro de madame Rattazzi — Le Portugal a vol d’oiseau — e a rusga às casas de jogo” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 10, n.º 36, 15/02/1880, p.1). Dois assuntos que não diziam respeito à moda, tema principal das missivas, mas, que chegavam em primeira mão às leitoras d’*O Liberal*. Óbvio que, além da simpatia que Guiomar nutria pela Madame Rattazzi,

existia o interesse em propagar a leitura daquela obra porque fora traduzida, em Portugal, pela folhetinista. Desta feita, ela anunciava:

E já agora não largarei mão do assunto sem dar testemunhos às minhas benévolas leitoras brasileiras que o livro de madame Rattazzi, *Le Portugal vol d'oiseau* que está sendo deficientemente trasladado a português pela sua obscura folhetinista, por entre algumas inexatidões, de fácil correção, alguns traços menos nítidos, algumas apreciações individuais, a que não presidem a boa crítica, luminosa e justa, fica sendo ainda assim, uma obra deliciosamente humorística fulgurante do enfrain, onde, por vezes, na fugitiva e complexa análise das pessoas e das coisas, ressaltam tics de uma fidelidade e de uma acintilação admirável.

(*O Liberal do Pará*, Carta n.º 10, n.º 36, 15/02/1880, p. 1).

Nessa perspectiva, a repórter, além de divulgar seus trabalhos de tradução e a própria obra de Rattazzi, ela propagava também suas preferências literárias, como já havia feito com George Sand. Todavia, as cartas revelam uma mulher que anseia por emancipação, seus escritos denotam a vontade de se corresponder reciprocamente, de receber cartas de suas leitoras e conhecer um pouco da realidade destas: “Se fosse possível inverterem-se os papéis, seria eu hoje que pediria a vossa excelência, leitoras, que me escrevessem uma carta paraense em vez de lhes dirigir eu como costume, uma carta lisbonense” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 11, n.º 70, 28/03/1880, p.1), o que implica dizer que as leitoras d’*O Liberal* pouco se correspondiam com a folhetinista, e que esta queria saber novidades do Pará.

Esse anseio é fruto de suas elucubrações no sentido de alcançar, para além de uma seção de moda, um inquieto universo feminino que se transformava paulatinamente, a partir do que se lia e escrevia sobre as mulheres: “Mas, como eu ia dizendo à leitora, e restando o fio de nossa conversa quebrado pelos caprichos de minha pena desinquieta e versátil” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 11, n.º 70, 28/03/1880, p.1).

Para isso, era primordial propagar o progresso daquelas que já o tinham conquistado e denunciar as mazelas das que ainda padeciam, como o fez em outra carta: “Duas meninas, uma de Lisboa, outra do Porto, acabam de ser raptadas aos braços carinhosos da família, a primeira por um cômico do teatro de D. Maria, a segunda por um saltimbanco do sr. Enrique Dias” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 12, n.º 100, 02/05/1880, p.1). Ainda que essas notícias dissessem respeito ao universo português, quando a folhetinista denunciava o rapto, de certa maneira, estava advertindo todas as mulheres, independentemente de serem portuguesas, brasileiras ou de qualquer outra nacionalidade, pois o que ela realmente queria era protestar contra a forma absurda com que as mulheres do final do século XIX eram tratadas.

Assim sendo, Guiomar desenvolvia um importante trabalho de utilidade para o seu público, discorrendo sobre os costumes da época, com base na realidade que testemunhava:

A mulher portuguesa, condenada à tantálica privação, dos estudos sérios, complexos, profundos, que à habilitem a seguir um curso superior mediante o qual se facilitasse uma posição definida, impossibilitada por conseguinte de fortalecer o seu espírito, propenso a alucinações histéricas, nas santas convivências intelectuais nas regiões luminosas da arte onde o pensamento se transforma e desenvolve, numa consciente harmonia e numa serenidade perpétua quando lhe não cortam as asas; a mulher portuguesa, educada em colégios banais, no meio de condiscípulas pretenciosas e de professoras analfabetas, que lhe ensinam a fazer *frioleiras* e a fazer mesuras, a ganir cavatinas e a repicar no piano a sentimentalidade reles do fado corrido, a falar o francês de torna viagem dos *commis voyager* e a deitar os cotovelos para fora, com passinhos miúdos de boneca mecânica; a mulher portuguesa, que depois do tirocínio do colégio passa sem transição para o tirocínio do namoro; a mulher portuguesa que nas salas, nos teatros, nos passeios, nos livros, nos jornais recolhe periodicamente uma copiosa messe de calúnias gratuitas, de maledicências idiotas, que lhe depõem no ouvido inexperiente e no cérebro oco, como um balão assoprado, gérmens impuros como as secreções das varejeiras, está pelas condições deficientes do seu código moral habilitadas como poucas para a cambalhota funambulesca do rapto amoroso.

(*O Liberal do Pará*, Carta n.º 12, n.º 100, 02/05/1880, p. 1).

A autora denuncia as privações e calúnias sofridas pela mulher de seu tempo que, impossibilitada de prosseguir os estudos, se torna presa fácil “do rapto amoroso”. Ao apontar tais vicissitudes sociais, ela convocava as leitoras a reagirem diante do cenário tão desolador.

Desta feita, os escritos de Guiomar Torrezão são documentos relevantes para a (re)construção da história das mulheres, mormente as que foram invisibilizadas por longa data. Ela retrata as angústias disfarçadas por um público, cuja preocupação deveria ser somente o traje ou o piano. Para “atender” à proposição do jornal ela tentava concluir suas “palestras” com a máxima: “E para que a economia doméstica e a química culinária não sejam completamente banidas das nossas despreziosas palestras finalizarei com uma notícia agradável e uma receita útil” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 12, n.º 100, 02/05/1880, p.1).

Embora, nas receitas, às vezes, viessem um desconhecimento do local e do público para o qual se reportava: “A receita ensina a preparar as acelgas, uma hortaliça saborosa e higiênica, que não tem para mim neste momento senão um único contra o de ignorar ou se ela produz no Brasil, ou se a leitora a desconhece totalmente” (*O Liberal do Pará*, Carta n.º 12, n.º 100, 02/05/1880, p.1). Em meio ao desconhecimento das acelgas, não podemos negar que Torrezão sabia muito bem em que espaço estava pisando, por isso, acautelava-se com um estilo

de escrita essencial para que suas *Cartas Lisbonenses* pudessem chegar até nós, mulheres do século XXI, com as mesmas angústias de nossas cúmplices do XIX.

### “Finalizarei com uma notícia agradável e uma receita útil”

O Século XIX testemunhou a expansão de informações, tendo como veículo principal a imprensa, e esta desbravava espaços inimagináveis de serem ocupados, inclusive, por mulheres que atuavam como correspondentes em jornal, profícuo difusor das ideologias oitocentistas. Foi o caso da portuguesa Guiomar Torrezão, folhetinista excepcional, que atuou como correspondente no jornal *O Liberal do Pará* trazendo “notícia agradável” ao público feminino.

Iniciava suas *Cartas Lisbonenses* falando de amenidades ou moda – principal justificativa das correspondências – introduzia, na sequência das missivas, ideias e opiniões a respeito do feminismo, denunciava opressões, opinava sobre comportamento. Posteriormente, concluía sua publicação com alguma “receita útil” de culinária ou modelagem de roupa, de maneira que ela conseguia “disfarçar” a real intenção de sua escrita, caso fosse lida por algum marido vigilante desse propósito.

Assim sendo, a folhetinista portuguesa cumpriu todas as expectativas, enquanto Mulher de Letras do Oitocentos, uma vez que atuou nos mais diversos meios intelectuais de seu tempo, além de ter contribuído sobremaneira para a emancipação feminina por meio não apenas de suas cartas – reveladoras de ideologias e da maneira como se processava o relacionamento e os interesses das pessoas no Oitocentos (MATTOS, 2013, p. 200-201) –, mas também de suas outras produções, tais como: almanaques, romances, peças teatrais, entre outras.

Finalmente, ao analisarmos a atuação de Guiomar Torrezão em periódicos oitocentistas, vislumbramos trazer à baila um pouco da atuação e da história das mulheres (escritoras e leitoras) esquecidas nas páginas dos periódicos oitocentistas a fim de reiterar suas contribuições àquela que foi sua maior aliada: a imprensa.

### Referências

- COELHO, G. M. *A Independência do Pará* (1823): novos tempos, novos acontecimentos, novos personagens. Belém: Estudos Amazônicos, 2012.
- COSTA, M. L. G.; SALES, G. M. A. “Laços Literários D’Além-mar: Pará e Portugal no Oitocentos”. In: SARGES, Maria de Nazaré [et al]. *O Imenso Portugal: estudos luso-amazônicos*.

MATTOS, R. C.. “O que dizem as cartas? Café e negócios no Vales do Paraíba Oitocentista”. In: FERREIRA, T. Bessone da Cruz [et al]. *O Oitocentos entre livros, livreiros, impressos, missivas e bibliotecas*. São Paulo: Alameda, 2013.

JINZENJI, M. Y. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2017.

ROMARIZ, A. G. de O. *O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro: Um ensaio para um projeto maior?* – Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, 2011.

SARGES, M. de N. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2010.

TORREZÃO, G. *No teatro e na sala*. Sem Editora, 1881.

#### Jornais Consultados:

*O Liberal do Pará*, n.º 169, 27/07/1879.

*O Liberal do Pará*, n.º 175, 03/08/1879.

*O Liberal do Pará*, n.º 192, 24/08/1879.

*O Liberal do Pará*, n.º 204, 07/09/1879.

*O Liberal do Pará*, n.º 233, 12/10/1879.

*O Liberal do Pará*, n.º 3, 04/01/1880.

*O Liberal do Pará*, n.º 14, 18/01/1880.

*O Liberal do Pará*, n.º 31, 08/02/1880.

*O Liberal do Pará*, n.º 36, 15/02/1880.

*O Liberal do Pará*, n.º 70, 28/03/1880.

*O Liberal do Pará*, n.º 100, 02/05/1880.